
V CBE0 - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

A COZINHA DOMÉSTICA APROPRIADA POR PATRÔES: ESTUDO DE UMA FOTOELICITAÇÃO

Felipe Gouvêa Pena (Centro Universitário de Belo Horizonte) - felipegouveap@hotmail.com
Mestre em Administração pelo CEPEAD/UFMG. Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte.

Luiz Alex Silva Saraiva (Universidade Federal de Minas Gerais) - saraiva@face.ufmg.br
Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

Contextualização

Como Davis (2016, p. 226) argumenta, “um dos segredos mais bem guardados das sociedades capitalistas avançadas envolve a possibilidade – a real possibilidade – de transformar radicalmente a natureza das tarefas domésticas”. Ao voltar o olhar para as atividades de trabalho que são desenvolvidas dentro das residências, a autora questiona os motivos que contribuem para que parte considerável das incumbências das donas de casa não seja incorporada à economia industrial. Afinal, a permanência dessas atividades contribui para a manutenção do sistema capitalista e resgata o debate entre o público e o privado.

Ao mesmo tempo, além dos princípios de separação e hierarquização que fomentam a divisão sexual do trabalho (Hirata & Kergoat, 2007), problematiza-se a dimensão da raça, já que tal marcador de diferença também serve como critério estereotipado de qualificação dos sujeitos, construindo territórios laborais marginalizados a partir de dimensões concretas e simbólicas (Gouvêa, 2017). Portanto, quando o foco da discussão é o ambiente doméstico, o reduto da cozinha ilustra como as relações sociais de gênero e raça, podem ser tomadas como critérios qualificadores para a apropriação do território, como de fato acontece em uma sociedade patriarcal e racista como a brasileira.

Logo, a partir da constatação de que o ato de cozinhar no ambiente doméstico brasileiro é demarcado por gênero – enfatizando a figura da dona de casa – e por raça – enfatizando a figura da empregada doméstica, na maioria das vezes uma mulher negra (Pena, 2017), Para tanto, os discursos midiáticos que têm valorizado a cozinha doméstica em função movimento “gourmetização” (Barbosa, 2012), foram incorporados a estratégia metodológica de pesquisa, como será visualizado a seguir.

Objetivos

O objetivo neste artigo é analisar as formas de apropriação da cozinha doméstica a partir dos discursos de um grupo de patrões.

Metodologia

A investigação foi conduzida a partir do método indutivo com base em um estudo qualitativo de caráter descritivo (Creswell, 2010), no qual foi utilizada a fotoelicitação para a coleta de dados e a análise do discurso. Foram realizadas oito entrevistas com homens e mulheres (patrões) de classe média alta da cidade de Belo Horizonte – MG. Os sujeitos foram selecionados a partir de cinco critérios: a) envolvimento com a dinâmica do movimento; b) consumo produtos com esse rótulo; c) cozinhar esporadicamente, com fins de recreação; d) pertencer à classe média alta da cidade; e) possuir empregada doméstica, com a função de cozinhar no cotidiano.

Em relação ao instrumento de coleta de dados e ao método de análise, cabe ao algumas considerações. A fotoelicitação permite evocar memórias, comentários e reflexões que espelham um fluxo de relações sociais (Banks, 2009), favorecendo o compartilhamento de vivências. Os entrevistados foram convidados a descrever um conjunto imagens, conforme apresentado a seguir. Eles deveriam observar cada imagem, refletir e descrever os sentimentos e os significados identificados. As imagens foram organizadas em uma ordem proposital, seguindo o argumento de que a “raça” é um critério de diferenciação superior ao “gênero”. Em ordem, as figuras mostram uma mulher negra na cozinha, seguida por homem negro na cozinha, por uma mulher branca na

cozinha e por um homem branco na cozinha. Não foi dito aos entrevistados a quantas imagens eles seriam expostos, como também não foi dito qual seria a fotografia seguinte.

Por fim, utilizou-se a análise francesa do discurso como ferramenta de tratamento dos dados, com o intuito de observar os aspectos silenciados, explícitos e implícitos nos discursos (Faria, 2009). Nesses termos, seguiu-se a estratégia de Pena e Saraiva (2017), e foram observados, sem se esgotar: a) análise lexical; b) condições sociais de produção do discurso; c) reflexão e refração linguísticas; e d) percurso semântico.

Resultados

As patroas falam

Juliana identificou bons sentimentos e relembram situações prazerosas de seu passado após analisarem a primeira imagem. Porém, o significado que ela atribui a uma cozinha “bem elaborada” é distinto do significado dos outros sujeitos de pesquisa. De modo geral, Juliana acaba não diferenciando tanto os quatro personagens como cozinheiros, pois ela parte do princípio de que se estão na cozinha é sinal de algo lhes interessa. No entanto, três situações chamam à atenção. A primeira é a importância conferida ao sentido visual dos itens da cozinha e às sensações de frequentar aquele local. O segundo item diz respeito à palavra “novidade”, no momento em que ingressa a figura masculina. Por fim, a expressão “ele está quebrando o galho” deixa silenciadas questões referentes à divisão sexual do trabalho, ficando implícito de que ele está ali apenas de passagem – por ser um homem branco.

Flávia foi enfática em sua fala, já deixando explícito a que realmente as imagens a remetem. Ao ver a primeira imagem ela logo faz uma associação ao tempo da escravidão, a que ela é remetida pelos objetos presentes na imagem. Ao analisar a segunda imagem ela enumera dois diferenciais: a cozinha moderna e a presença de um homem. Já na terceira imagem, além de demonstrar conhecer e admirar a personagem, Flávia concede um destaque maior para a mudança no item raça, dizendo “mulher bonita e branca” duas vezes. Por fim, finaliza dizendo não conhecer o último homem, mas o compara ao outro, sugerindo que seja “um *MasterChef* da vida”, ao passo que o outro “é um homem normal do dia-a-dia”. Fica refletido que ela o reconhece dentro de um padrão atual da classe média alta de contar com “homens *gourmet*”, e fica refratado o lugar que ela concede ao outro homem que é negro, silenciando um discurso racista que o rebaixa ao defini-lo como um mero cozinheiro da família.

Luiza sugere que a primeira personagem é uma empregada e que aquela cozinha remete a um ambiente de fazenda, onde seria esperado que houvesse uma cozinheira negra. Apesar de registrar o segundo personagem como negro e jovem, ela não o qualifica como um empregado, e nem como um usuário da cozinha no dia-a-dia. Ele descreve o local como uma varanda e já fica implícito que ela reconhece naquela cena algo semelhante ao seu cotidiano. Assim como Flávia, Luiza reconhece a mulher da terceira imagem e não economiza nos elogios. Além de identificá-la pelo nome, faz questão de chamá-la de *chef*. Já na última imagem ela retoma a fala de a cozinha ser um espaço social de confraternização, mas acrescenta que parece um *reality show*, associando a imagem a algo cada vez mais disseminado pela mídia e que busca ressignificar a cozinha cotidiana.

Isadora também enxerga uma cozinha na fazenda na primeira imagem. A segunda imagem já enxerga como cozinha *gourmet*, embora não faça nenhum tipo de ponderação quanto à raça. Na terceira imagem, ela associa a cozinha a algo que se pode “ter”, que confere “alegria” pelo prazer cozinhar em uma cozinha como as da terceira e quarta fotografias. Ela reconhece o

personagem da quarta imagem, comprovando que integra uma classe que não só o consome como também busca replicar as práticas *gourmet* em casa.

Os patrões falam

Jorge começa qualificando a mulher da primeira imagem como a “Tia Nastácia”. A grande questão não é porque ele a chama dessa forma, pois poderia ser a atriz que interpretou a personagem, mas o uso que ele faz do termo para materializar toda e qualquer mulher negra retratada como empregada doméstica. Já a partir da segunda imagem, ele enuncia um discurso sexista e racista, usando argumentos para combater um “preconceito” e reforçando-o. Ele diz que a imagem dois é preconceituosa, pois em uma cozinha doméstica “teoricamente espera-se encontrar uma mulher” e o homem apenas em uma cozinha industrial, sendo quase um problema um homem cozinhando em casa cotidianamente.

Ele inicia dizendo que há uma midiaticização por trás da terceira fotografia. No entanto, para ele, o que torna vendável aquele produto é a “carinha bonita na cozinha”, o uso da mulher para vender um determinado produto ou serviço. Ele diz: “essa mulher aqui é para ser esposa”, em nítido exercício de objetificação e defesa dos argumentos presentes no contrato sexual discutido por Pateman (1993). Para fechar, após considerar que as imagens retratam muito uma “modinha” da mídia, ele não deixa de dizer que há na última imagem a personificação do que ele entende por um homem moderno. Percebe-se então o percurso semântico da cozinha *gourmet* como fonte de manutenção de um *status* social.

A segunda fala do grupo dos patrões é a de Fernando. A primeira coisa que chama atenção é o pseudo-reconhecimentos que ele faz da primeira personagem. Ele parece lembrar com um pouco de dificuldade de um possível nome da atriz que interpreta a personagem, mas não consegue afirmar quem ela é, de fato. Mesmo dizendo que ela transmite a imagem de uma “mulher ativa na cozinha”, o próprio Fernando admite que aquela personagem está inclusa em um ambiente de segregação. Já na segunda imagem, quando ele diz que o personagem não possui “uma postura de *chef* de cozinha” e “tem uma postura mais de operário”, fica refratada a condição da raça do homem na figura. É impossível negar a presença de um discurso racista e classista e a defesa de tal postura ideológica.

As observações que ele faz das duas últimas imagens são muito similares. Ele reconhece a apresentadora, fala de seu programa e diz que tudo se trata de um recurso midiático, em que todos os itens ali possuem uma estratégia comercial. Na última imagem ele reconhece o programa de televisão em que se passa a fotografia, também ponderando sobre a questão midiática, mas acrescenta sobre a “artificialidade” daquela cena e da forma como a exposição do “*showman*” serve de estímulo para uma ressignificação do espaço cozinha e do ato de cozinhar. Ao dizer é “uma cozinha sazonal, carnavalesca”, Fernando deixa transparecer o percurso semântico da cozinha como meio de promoção pessoal a partir de oportunidades ou desejos, e torna-se vivo o tema da cozinha *gourmet*, como “selo” capitalista de grande impacto na vida de muitas pessoas.

A primeira imagem traz a Lucas um sentimento de familiaridade. Como para alguns entrevistados, diz muito sobre um contexto de saudosismo. Quanto à segunda imagem, foi instigante notar o significado que ele atribuiu à palavra “engraçado”. Lucas é taxativo ao dizer “é o empregado da família, porque é negro e normalmente é o empregado”. Ao dizer isso, naturaliza o racismo e isso precisa ser questionado hoje e sempre. Fica refletida na sentença a inexorabilidade da infração daquela ocupação profissional, isto é, parece não haver outro

caminho ao negro senão o serviço doméstico. Lucas termina sua fala colocando as duas últimas figuras em uma análise semelhante. Para ele, ambas representam pessoas que não conhecem realmente a arte de cozinhar e estão ali apenas para se promover em programas de TV.

Henrique traz o percurso semântico do ato de cozinhar e se alimentar como um “rito”. Ele associa a primeira imagem a um ambiente familiar que integra tal conceito, adicionando a perspectiva de que a mulher possui uma importância central no conjunto das relações domésticas e que ela executa aquela tarefa com prazer, mesmo ciente da ausência de alguma remuneração financeira à altura. Nota-se o discurso do contrato sexual e a presença de um discurso sexista, que fortalece a pressuposto de que os conceitos do trabalho doméstico foram repassados de geração em geração, mas sempre a partir de uma figura feminina, como a “avó” e a “mãe”. A partir da segunda imagem observa-se o discurso de valorização do homem na cozinha, pois o personagem ganhou o *status* de “profissional”. Isso indica que há o estabelecimento de uma relação causal entre o ingresso da figura masculina e a profissionalização da atividade, um claro desdobramento de premissas patriarcais. Há menos amor, mas, aparentemente, não menos dinheiro.

Assim como Lucas, Henrique levanta o questionamento sobre a organização e disposição da cozinha apresentada na terceira imagem. Ele completa afirmando que a imagem não se trata do mesmo rito percebido na primeira fotografia, pois há uma dissociação do contexto familiar e a presença de um novo ambiente de confraternização. Fica implícito que para Henrique existe um padrão que define o que de fato é uma cozinha do cotidiano e quem é o sujeito que se apropria dela, bem como há uma cozinha sazonal, muito relacionada a uma apropriação momentânea, alicerçada na busca por uma autopromoção. Tudo isso é reforçado nas observações feitas após a apresentação da última imagem: quando se estabelece a relação midiática, citando a relação com *MasterChef*, e acrescentando a expectativa pelo “*glamour*” da atividade; e quando a dimensão da exposição ultrapassa as relações comerciais e alcança as relações pessoais, com a presença de amigos “celebrando” e valorizando o trabalho realizado na cozinha *gourmet*, pelo “*chef*”. Falas como a de Henrique reforçam ainda mais a tese aqui defendida de que há uma valorização da cozinha e do ato de cozinhar, a partir do momento em que se adicionam itens como o “selo” de *gourmet*.

Conclusões

O trabalho teve como objetivo analisar as formas de apropriação da cozinha doméstica a partir dos discursos de um grupo de padrões. Os discursos apresentados foram muito reveladores, pois foi possível sintetizar um grupo de mudanças na cozinha a partir de quatro imagens que, sobrepostas, possibilitaram o fortaleceu o argumento levantado, além de adicionar novas variáveis. É inegável perceber a valorização pelo qual o ato de cozinhar vem passando. Por isso, a escolha da fotoelicitação foi tão exitosa, uma vez que foi possível constatar a presença de discursos extremamente alinhados à problematização aqui colocada, no que tange a construção de papéis sociais de trabalho a partir das dimensões de gênero e da raça.

Os discursos corroboram com o pressuposto de que a o critério “raça” rebaixa o critério “gênero” em termos de diferenciação dos sujeitos. Os modos de apropriação se mostraram distintos, mas ao mesmo tempo correlacionados. Os padrões – todos brancos – mostraram uma maior relação de pertencimento a partir das imagens 3 e 4, com discursos de exaltação e qualificação. Sendo importante registrar falas que identificaram: os personagens brancos como *chefs* e os negros como cozinheiros; o saudosismo para com a primeira imagem,

identificando a personagem negra como a cozinheira da fazenda da avó; a admiração pela personagem da terceira imagem, sendo caracterizada como “mulher bonita e branca”, “mulher altiva na cozinha” e “essa mulher aqui é para ser esposa”; e a relação passageira e utilitarista da cozinha, apenas para fins de recreação, como na fala “para quebrar um galho”.

Como contribuições do estudo é possível mencionar: a) o esforço para trabalhar em uma perspectiva transdisciplinar, a partir do diálogo entre as dimensões de gênero, raça e classe social; b) o esforço de fortalecer as pesquisas problematizem questões inerentes a vida social; c) a utilização de uma nova ferramenta metodológica – a fotoelicitação – que abre espaço para novas abordagens de investigação; d) a problematização do poder de influência da mídia, a partir do consumo de produtos com rótulo *gourmet*. Cabe também pontuar algumas possíveis limitações do estudo: a) a análise do discurso sempre pode ser aprofundada, chegando a camadas ainda mais profundas e complexas; e b) também é possível um maior aprofundamento no debate sobre classes sociais e perspectivas de consumo. Entendemos que tanto as contribuições quanto as limitações fortalecem o campo de estudos, já que o presente trabalho não pode ser tomado como algo definitivo. Logo, sugerimos como agenda de pesquisa: a) aprofundar os diálogos entre gênero, raça e classe, mas considerar também outros eixos de análise; b) ampliar a aplicação da fotoelicitação, com novas imagens que possam focar nos itens e espaços da cozinha – pontos que se mostraram relevantes nos discursos; c) investigar, com maior precisão, o consumo simbólico de diferentes classes sobre o selo *gourmet*, traçando um quadro comparativo.

Referências

- Angelin, P. E. & Truzzi, O. M. S. (2015). Patroas e adolescentes trabalhadoras domésticas: relações de trabalho, gênero e classes sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(89), 63-76.
- Banks, M. (2009). *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Barbosa, L.(2012). Os donos e as donas da cozinha. In: M. E. Freitas & M. Dantas (Orgs.). *Diversidade sexual e trabalho* (pp. 171-201). São Paulo: Cengage Learning.
- Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, 17(49), 117-133.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.
- Faria, A. A. M. F. (2009). Aspectos de um discurso empresarial. In: A. P. Carrieri, L. A. S. Saraiva, T. D. Pimentel, & P. A. G. Souza-Ricardo (OrgS.). *Análise do discurso em estudos organizacionais* (pp. 42-52). Curitiba: Juruá.
- Favero, M. H. & Maracci, I. L. (2017). A interlocução de narrativas: um estudo sobre papéis de gênero. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-9.
- Ghilardi, M. I. (2007). Representações do gênero masculino: homens em revistas de culinária. *Anais do Congresso de Leitura do Brasil*, Campinas, SP, Brasil, 16.

Gouvêa, J. B. (2017). O que há por trás do discurso da harmonia racial no país da miscigenação? *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(10), 916-956.

Hirata, H. & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.

Maia, R. S. (2012). Sobre portas, paredes e afetos: casa, territorialidade e identidade entre os segmentos populares. *Terra Plural*, 6(2), 339-352.

Pateman, C. (2010). Garantir a cidadania das mulheres: a indiferença e outros obstáculos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89, 29-40.

Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Pena, F. G. (2017). *Um território (re)apropriado? A dinâmica territorial da cozinha em meio a relações sociais de gênero e raça*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Pena, F. G. & Saraiva, L. A. S. (2017). Territórios da cozinha sob a ótica de empregadas domésticas. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 11(ed. spe.), 91-106.

Saffioti, H. I. B. (2013). *A mulher na sociedade de classes* (3a ed.). São Paulo: Expressão Popular.

Teixeira, J. C. (2015). *As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas*. Tese de doutorado, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.